

comuns da doença, como o caso de encefalite e DI central que, se não corretamente identificadas nos pacientes internados por infecção pelo SARS-COV-2, podem interferir no prognóstico da doença.

1682

CARCINOMA PAPILÍFERO DE TIREOIDE: DESFECHOS ONCOLÓGICOS E CIRÚRGICOS DE TUMORES DE ATÉ 1,5CM EM COORTE HISTÓRICA DO HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Henrique Cabral Scherer, Paula Fernandes, Rafael Selbach Scheffel, André Borsatto Zanella, Ana Luiza Maia, Jose Miguel Dora

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Introdução: O aumento da incidência do câncer de tireoide - impulsionado por tumores pequenos do subtipo carcinoma papilífero de tireoide (CPT) -, acompanhado de desfechos oncológicos excelentes, trouxe questionamento acerca de sobrediagnóstico e sobretratamento destes tumores. Estudos sobre impactos desta neoplasia e de seu tratamento em cenário latino-americano são escassos. **Objetivos:** Avaliar características epidemiológicas, histológicas, oncológicas e terapêuticas em uma coorte de pacientes com CPT de até 1,5 cm. **Métodos:** Foram incluídos pacientes com diagnóstico de CPT de tamanho tumoral até 1,5 cm. Características clínicas e oncológicas, intervenções, status da doença e desfechos foram descritos. Resposta ao tratamento foi definida de acordo com os critérios da American Thyroid Association. Os diagnósticos foram classificados como incidentais quando havia ausência de suspeita relevante de malignidade previamente à tireoidectomia. **Resultados:** Dentre 1.091 pacientes com CPT na coorte, foram incluídos 439 (40,2%) pacientes, sendo 256 (23,4%) com microcarcinomas (< 1 cm), e 183 (16,7%) com tumores >1 cm e < 1,5 cm. Destes 439 pacientes, a idade média foi de 47,6 ± 13,4 anos, sendo 378 (86,1%) mulheres. Três pacientes foram submetidos à lobectomia e os demais à tireoidectomia total; 65,8% receberam radioiodoterapia. O tamanho tumoral médio foi de 0,95 ± 0,39 cm, sendo 150 (34,2%) dos tumores multifocais; 127 pacientes (28,9%) tinham metástase linfonodal e 2 (0,5%) à distância. Entre 341 pacientes com dados de história diagnóstica, este foi feito incidentalmente em 33,7% dos casos. Entre 403 pacientes, após uma mediana de 5,0 anos (P25-75 2,0-9,0) de seguimento, a resposta ao tratamento foi excelente em 262 (65,0%), indeterminada em 110 (27,3%), bioquímica incompleta em 13 (3,2%), estrutural cervical persistente em 15 (3,4%) e estrutural à distância persistente em 3 (0,7%). Às custas da terapêutica proposta, ocorreram taxas de 8,0% de hipoparatiroidismo permanente e 7,1% de disfonia pós-operatória persistente. **Conclusão:** Apesar de parcela importante dos diagnósticos de CPT de até 1,5 cm ser incidental, proporção significativa da coorte apresentava metástase linfonodal e multifocalidade. As elevadas taxas de hipoparatiroidismo e disfonia persistentes associados ao tratamento desta neoplasia indicam que individualização do tratamento seja um caminho para atingir a melhor relação risco/benefício de manejo destes tumores.

1782

CHARACTERIZAÇÃO DE PACIENTES DEPRESSIVOS QUANTO À PRESENÇA DE POLIMORFISMO THR92ALA DA DESIODASE TIPO 2 E POSSÍVEIS ASSOCIAÇÕES COM GRAVIDADE DOS SINTOMAS DEPRESSIVOS, PIORA NA QUALIDADE DE VIDA E REFRTARIEDADE A MEDICAÇÕES

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Fernanda Klagenberg Arenhardt, Murilo Martini, Rafael Aguiar Marschner, Simone Magagnin Wajner

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

Introdução: O transtorno depressivo maior tem incidência global de aproximadamente 6%. Diversos estudos mostraram influência genética e hormonal, logo, a busca por biomarcadores e preditores genéticos se tornou fundamental no entendimento da doença. Suspeita-se que a regulação da atividade das desiodases possa se associar com depressão. O objetivo desse trabalho é estudar a associação entre uma variante do gene Thr92Ala, que diminui a atividade da desiodase tipo 2, e gravidade dos sintomas depressivos em pacientes com depressão grave no momento da chegada a atendimento psiquiátrico especializado no HCPA. Foram coletadas

amostras de sangue total e informações clínicas através de questionários validados (M.I.N.I plus Versão Brasileira, HDRS, Maudsley, RS-14, CORE, BDI, Whoqol-BREF, WHODAS 2.0 abreviado e TEP), além de psicofármacos em uso, história de refratariedade a medicações e dependência de substâncias. O DNA das amostras foi extraído e a identificação do polimorfismo de interesse será avaliada através de ensaios de genotipagem. Testes estatísticos serão utilizados para avaliar associação entre genótipo e variáveis clínicas, considerando intervalo de confiança de 95%. 523 pacientes foram incluídos no estudo, todos com sangue coletado e pelo menos um questionário clínico preenchido, 449 deles têm DNA extraído. Os participantes têm média de 50 anos de idade e 84,5% são mulheres. Em média, manifestaram o primeiro episódio depressivo aos 33,8 anos e tiveram 4,2 episódios até a chegada ao HCPA. A pontuação média nas escalas de gravidade HAM e BDI foi de 20,5/50 e 34,8/63 respectivamente. Até o momento, genotipamos 41 pacientes, obtendo 7 com polimorfismo. Considerando que distúrbios do metabolismo da tireoide se associam com depressão maior, os resultados desse estudo poderão revelar associação entre variantes gênicas relacionadas à menor atividade das desidases na ativação do T4 em T3 e maior gravidade dos sintomas depressivos ou refratariedade a fármacos.

1830

QUALIDADE DO ATENDIMENTO EM PACIENTES COM DIABETES TIPO 1 DURANTE A PANDEMIA DE COVID-19: UM ESTUDO DE COORTE NO SUL DO BRASIL

CATEGORIA DO TRABALHO: PESQUISA

Betina Nemetz, Luciana Foppa, Rosimeri de Matos, Janine Alessi, Gabriela Heiden Teló, Beatriz Dagord Schaan

HOSPITAL DE CLÍNICAS DE PORTO ALEGRE

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO GRANDE DO SUL

Introdução: O controle inadequado do diabetes mellitus tipo 1 (DM1) está associado a maior incidência de complicações e mortalidade, o que pode ser atenuado com uma rotina de atendimento de qualidade. Situações críticas, como a pandemia de COVID-19, têm o potencial de impactar negativamente na frequência, qualidade e rotinas de avaliação e tratamento fundamentais para esses pacientes. **Objetivos:** Avaliar o impacto da pandemia de COVID-19 na qualidade do atendimento aos pacientes com DM1 no Sul do Brasil. **Métodos:** Trata-se de estudo de coorte incluindo pacientes com DM1, idade maior ou igual a 18 anos e atendimento médico realizado entre janeiro e novembro de 2020 no Serviço de Endocrinologia de um hospital público universitário. Os critérios de exclusão foram ter registro de outro tipo de diabetes, gravidez, óbito, alta ambulatorial em 2019 ou não ter consulta ambulatorial agendada para o ano de 2020. Os indicadores de qualidade utilizados foram: número de medidas e valor de hemoglobina glicada (HbA1c), avaliação anual de albuminúria e/ou creatinina sérica, perfil lipídico, rastreamento para retinopatia e neuropatia, dosagem de hormônio estimulador da tireoide (TSH) e pelo menos uma avaliação de anticorpos antitireoperoxidase e transglutaminase IgA. Os dados foram analisados pelo teste de McNemar para variáveis categóricas e o teste de Wilcoxon para variáveis contínuas. **Resultados:** Dos 289 pacientes, 49,5% eram mulheres, com idade 40 ± 12 anos. Durante a pandemia, 252 pacientes tiveram pelo menos uma consulta presencial médica, de enfermagem ou de nutrição cancelada. O número de pacientes que apresentaram os indicadores de qualidade em 2019 vs 2020 e o valor de significância, são respectivamente os seguintes: anticorpos antitireoperoxidase 206 vs 216 ($p=0,184$), avaliação da neuropatia sensorial 152 vs 119 ($p=0,004$), albuminúria e/ou creatinina sérica 247 vs 206 ($p<0,001$), HbA1c 263 vs 135 ($p<0,001$), perfil lipídico 242 vs 266 ($p<0,001$), avaliação da retinopatia 172 vs 83 ($p<0,001$) e TSH 262 vs 256 ($p=0,08$). Houve uma piora significativa durante a pandemia de COVID-19 em comparação com o ano anterior quanto ao número de indicadores de qualidade de atendimento avaliados ($p<0,001$). Em 2019, 20,1% dos participantes tinham todos os indicadores avaliados, enquanto em 2020, durante a pandemia, apenas 2,1% tinham todos os indicadores avaliados. **Conclusão:** A pandemia COVID-19 resultou na dificuldade de oferecer atendimento abrangente e de qualidade aos pacientes com DM1.